



UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

Camila de Araújo Caldeira

**A Percepção do Homem sobre o Envolvimento Paterno
durante o Processo de Gravidez**

BAURU

2008



UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

Camila de Araújo Caldeira

**A Percepção do Homem sobre o Envolvimento Paterno
durante o Processo de Gravidez**

**Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Centro de
Filosofia e Ciências Humanas
como parte dos requisitos para
obtenção do título de bacharel em
Psicologia, sob orientação da
professora Dra. Silvana Nunes
Garcia Bormio**

BAURU

2008

Camila de Araújo Caldeira

A Percepção do Homem sobre o Envolvimento Paterno durante o
Processo de Gravidez

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas
como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Psicologia, sob orientação da
professora Dra. Silvana Nunes Garcia Bormio

Banca examinadora:

Bauru, / / .

RESUMO

Buscamos investigar o envolvimento do pai com a gravidez e com o bebê a partir da sua experiência no pré-natal e no parto. O presente estudo se caracteriza como prospectivo, observacional, com coleta de dados em campo. Para a análise dos resultados optamos por priorizar a dimensão qualitativa. Participaram deste estudo seis homens, pais – biológicos ou não, escolhidos de forma aleatória. O estudo foi desenvolvido por meio de entrevistas semi-estruturadas, compostas por 14 perguntas. Os dados foram coletados entre os meses de agosto a novembro de 2008, com pais cujo(s) filho(s) tivesse(m) a idade máxima de cinco anos de idade. Estes pais eram pessoas conhecidas pela pesquisadora ou foram selecionados por indicação de médicos em consultórios particulares. As entrevistas realizadas nos permitem a verificação de que: a maioria dos pais busca uma maior participação nos períodos de pré-parto e parto por acreditarem que isso se torna benéfico na sua relação tanto com o bebê, como com a companheira; as mulheres têm um papel fundamental no incentivo ao homem para participarem do processo de gestação e do parto, mas a concretização deste ato depende muito das políticas dos hospitais e maternidades; embora existam algumas leis, ainda falta muita legislação que regulamente e favoreça a presença dos pais durante o pré-natal, garantindo a presença nas consultas de pré-natal e no parto.

Palavras-chave: gravidez, paternidade, envolvimento paterno.

ABSTRACT

We search to investigate the involvement of the father with the pregnancy and the baby from its experience in the prenatal one and the childbirth. The present study if it characterizes as prospective, observational, with collection of data in field. For the analysis of the results we opt to prioritizing the qualitative dimension. Six men, parents - biological or not, chosen had participated of this study of random form. The study he was developed by means of half-structuralized interviews, composed for 14 questions. The data had been collected between the August months the November of 2008, with parents whose (s) son (s) had (m) the maximum age five year of age. These parents were people known for the researcher or had been selected by indication of doctors in particular doctor's offices. The interviews carried through in allow the verification them of that: the majority of the parents searches a bigger participation in the periods of daily pay-childbirth and childbirth for believing that this if becomes in such a way beneficial in its relation with the baby, as with the friend; the women have a basic paper in the incentive to the man to participate of the process of gestation and the childbirth, but the concretion of this act very depends on the politics of the hospitals and maternities; although some laws exist, still it lacks much legislation that regulates and favors the presence of the parents during the prenatal one, guaranteeing the presence in the consultations of prenatal and the childbirth.

Keywords: pregnancy, paternity, paternal involvement.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
DESENVOLVIMENTO	
Percepções paternas	16
CONCLUSÕES	28
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE	
Entrevista	31 - 35

Introdução

A gravidez é um acontecimento que exerce muita atração para aspectos particulares e específicos do mundo da mulher. Para Maldonado (1996), o impacto, as vivências e as repercussões da gravidez naturalmente diferem bastante no homem e na mulher. Embora a contribuição para concepção seja a mesma, é a mulher que vai sentir o filho crescer dentro de si, dar à luz e amamentá-lo, o que pode suscitar sentimentos de ciúme e inveja da capacidade feminina de gestar e nutrir o filho por parte do companheiro do vínculo do pai com o filho costuma ser mais lenta, consolidando-se gradualmente após o nascimento e à medida que a criança vai se desenvolvendo.

Como afirmam Abreu e Souza (1999), em nosso meio, pouco se conhece sobre o estado emocional, psicológico do pai, como também sobre seus sentimentos em relação ao ciclo gravidez-parto de sua mulher e nascimento do seu filho.

Para Nolasco (1993, p.52)

Os sentimentos dos homens, durante a gestação de um filho podem ser os mais diversos. Orgulho, pois a paternidade é símbolo de sua virilidade e "macheza". Inveja, pois, no concreto, está excluído da gravidez e do parto. Ciúme da atenção que a mulher dedica ao feto e posteriormente ao bebê. Tendo sempre sido cuidado por mulheres, na figura da mãe, babá, madrinha, tias, sente muita dificuldade em ver que os cuidados que recebia da companheira irão, em grande parte, para o bebê, e que, mais ainda, ele é solicitado a cuidar tanto da mulher, quanto do bebê. A sociedade lhe exige um novo papel, mas não lhe dá as condições concretas de assumi-lo. A licença paternidade resume-se a uma semana.

As mulheres, afirma o autor acima citado, por outro lado, muitas vezes, ao mesmo tempo em que demandam por sua participação, no cotidiano, os excluem inconscientemente, pois o modelo antigo, fortemente introjetado, confere-lhe valor e poder pelo exercício dos cuidados com os filhos, não lhes sendo fácil partilharem este poder com os homens. E esta dificuldade é expressa em atitudes tais como: "Deixa que eu faço, porque você não tem jeito para trocar fraldas" ou "Deixa que eu faço, pois você demora demais"

Para Piccinini (2004), outro aspecto que envolve a paternidade é a trajetória masculina rumo à parentalidade que difere da feminina, é que somente esta poderá sentir o filho crescer dentro de si, dar à luz e amamentá-lo. O mesmo é destacado por Costa (2002), quando afirma que pai e mãe contribuem geneticamente para gerar a criança, ressaltando que é uma participação desigual, na medida em que a mãe contribui com um elemento a mais, o útero. Este autor destaca que o envolvimento paterno deve ser compreendido de modo peculiar, pois o vínculo entre pai e filho é indireto, mediado pela mãe. E afirma que o envolvimento paterno

na gestação não se refere apenas a comportamentos, como acompanhar consultas e ecografias, mas também a um envolvimento emocional. O mesmo estudo revelou que o acompanhamento às consultas e exames pré-natais foi bastante relatado pelos pais como uma forma de participação na gravidez, sendo que quase todos acompanharam as ecografias realizadas por suas companheiras. O autor afirma que este contato visual com o bebê, desencadeou, em muitos pais, reações bastante positivas, proporcionando uma sensação de presença concreta do bebê.

Independentemente dessa distinção entre sexos, Brazelton (1996) afirma que o quanto de ansiedade que um futuro pai ou mãe experimentam pode ser comparado à quantia que ele ou ela se preocupam sobre como vão se sair com o bebê. Por exemplo, ao não saber o que é melhor para o bebê, é comum a todos os pais revelarem preocupação demasiada, inexperiência ou inadequação.

Contudo, Winnicott (1982 *apud* Davis, 1982) afirma que a mãe, ao ficar preocupada com o bebê nos últimos meses da gravidez, num estado por ele denominado Preocupação Materna Primária, também provoca uma mudança no pai, a saber, ele se tornaria capaz de se transformar no agente protetor que libera a mãe para que esta se dedique ao bebê. Esta cobertura protetora fornecida pelo pai é necessária quando a mãe está carregando, parindo e amamentando o bebê dele. Tal cobertura protetora nesta etapa, em que a mãe se encontra vulnerável à influência de fora, exime-a da necessidade de voltar-se para fora para lidar com o mundo que a cerca no momento em que tanto deseja voltar-se para dentro. Ademais, segundo a interpretação de Winnicott proposta por Davis (1982), o autor acreditava que as doenças puerperais poderiam, até certo ponto, serem provocadas por uma falha da cobertura protetora nesta época, de modo que quando não há pai, é preciso que alguém tome a si o papel protetor, isto é, que alguém assuma a função paterna.

pla participação na vida dos seus filhos, não restringindo seu envolvimento ao sustento financeiro, a passeios e brincadeiras. Com efeito, entre os pais entrevistados em seu estudo foram observadas importantes diferenças de atitude no que tange ao envolvimento paterno – principalmente em relação às responsabilidades financeiras e à acessibilidade, que por meio dos relatos dos pais entrevistados mostrou-se fortemente influenciada pelas exigências do trabalho dos mesmos.

Essa aparente tendência por uma maior convivência dos pais com o recém-nascido – e em particular do pai – reflete-se tanto na repercussão que o tema ganhou na mídia quanto no âmbito legislativo.

Levantamento realizado pelo portal Monster sobre o quê os pais desejam¹ revelou que apenas 41% dos pais participantes (1.073) consideraram que seus empregos oferecem benefícios suficientes no que tange ao relacionamento pai-filho. Os entrevistados indicaram um alto desejo de que a relação entre trabalho e família seja mais saudável, apontando que 85% deles valorizam empregos que oferecem licença-paternidade quando procuram emprego e sugerindo, dentre os fatores que eles apreciariam, estariam agenda flexível (52%) e teletrabalho (32%).

Essa preocupação reflete-se no âmbito legal. Atualmente, a legislação prevê cinco dias de licença-paternidade, ao passo que concede às mulheres quatro meses de licença maternidade. Todavia, no ano de 2008, foram vistas algumas iniciativas e/ou mudanças no que diz respeito às leis que amparam os pais, entre as quais extensões nos prazos das licenças maternidade e paternidade.

Primeiramente, seguindo o exemplo já vigente em várias capitais no Norte e Nordeste do País, entre as quais Fortaleza (CE), Recife (PE), Teresina (PI), Natal (RN), João Pessoa (PB) e São Luis (MA) no Nordeste e Manaus (AM), Rio Branco (AC), Macapá (AP), Boa Vista (RR) e Porto Velho (RO) no Norte, a Câmara Municipal de São Paulo propôs um projeto de lei que, embora tenha sido vetado, previa a ampliação de quatro para seis meses a licença-maternidade das funcionárias municipais. Naquele momento, segundo dados da própria instituição, a Prefeitura de São Paulo tinha 133 mil servidores, dos quais cerca de 95 mil eram mulheres e aproximadamente 200 estavam em licença-maternidade².

Posteriormente, em julho deste ano, o projeto similar foi aprovado e sancionado no Estado de São Paulo, através de lei complementar, ampliando o período de licença-maternidade para funcionárias públicas estaduais de São Paulo, de quatro para seis meses (120 para 180 dias). No mesmo mês, o Estado do Rio de Janeiro aprovou lei ainda mais ambiciosa, concedendo incentivos fiscais às empresas privadas que oferecerem licença ampliada (de até seis meses) às suas funcionárias³.

A essas iniciativas, somam-se, entre outras, dois projetos de lei (PL) de autoria da Senadora Patrícia Saboya (PDT-CE), que propõem (a) a ampliação do prazo de licença-maternidade de quatro para seis meses (atualmente aguardando votação); e (b) aumento de 5

¹ Disponível em:

<http://web.infomoney.com.br/templates/news/view.asp?codigo=1251490&path=/suasfinancas/carreiras/direitos>, acesso em 28/10/2008.

² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u375427.shtm>, acesso em 28/10/2008.

³ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/empregos/ultnot/2008/07/08/ult880u7065.jhtm>, acesso em 28/10/2008.

dias para 15 dias a duração da licença-paternidade, beneficiando, inclusive, o pai que adotar uma criança (PL n. 666/07)⁴.

Estudos de Davis-Kean et al. (2001) sugerem que as horas de trabalho e o salário tem uma relação negativa com o tempo que eles passam com seus filhos durante a semana, não tendo o mesmo impacto durante o fim de semana. Encontraram que pais negros se envolvem menos nos finais de semana, e pais latinos envolvem-se mais com seus filhos que pais brancos. Estes autores destacam que pesquisas com pais latinos são raras.

Apesar da importância da figura paterna, o homem, em vias de se tornar pai, tende a se fragilizar diante da nova responsabilidade. This (1987) exemplifica esta passagem com a experiência afetiva do homem, cuja inquietação o levou a indagar a respeito dos sonhos e sentimentos que surgem na espera do nascimento do filho.

This (1987, p. 96) afirma que é por isso que, ainda que desejado pelo homem, feliz em ser pai, o nascimento se anuncia e é vivido num clima emocional que varia segundo o tempo e os indivíduos; cada homem reage à sua maneira ().

O conceito de envolvimento paterno é caracterizado de diferentes maneiras em psicologia. Como afirma Silva (2007), é usado como um sinônimo de participação do pai na família, bem como comportamentos do pai – interação, cuidados, recreação, apoio à esposa – e sentimentos do pai – satisfação com a paternidade e/ou a qualidade da relação pai-criança.

Silva (2007) convida-nos a refletir a respeito do que os estudiosos e a sociedade de modo geral estão exigindo do pai, e se isso não é um envolvimento que está além de suas possibilidades, desconsiderando eventuais diferenças sexuais ou particularidades da maternidade e paternidade.

Já para Brazelton (1992), o processo de gravidez, o parto e a construção do apego são fortemente influenciados pelas atitudes do pai. Para ele,

- (i) o apoio emocional do marido durante a gravidez contribui para a melhor adaptação da mulher ao processo de gestação
- (ii) a sua presença e seu apoio amoroso ajudam a mulher a desenvolver sua função maternal;
- (iii) sua presença contínua traz dois futuros: seu vínculo com a esposa é conservado; e começa a desfrutar da alegria da paternidade; e

⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/foha/dinheiro/ult91u430666.shtml>, acesso em 28/10/2008.

- (iv) na medida em que as famílias modernas raramente fazem uso do sistema de apoio da família estendida (avós, tias, etc), o papel dos pais no desenvolvimento e na conservação das capacidades maternas tem a tendência de ser cada vez maior.

Sobre isso, Wilhelm (1997) aponta algumas pesquisas de Busnel em audição fetal e neonatal, afirmando que com elas sabemos que o feto ouve e escuta, ele ouve e escuta a voz de sua mãe e a de seu pai, desde o sexto mês de gestação.

O aspecto sócio-econômico foi investigado em estudo realizado por Ribas (2003), com o qual foram analisadas as relações entre o status socioeconômico e alguns de seus componentes sobre o conhecimento do desenvolvimento infantil e de práticas parentais. Este estudo dá apoio à visão de que diferenças no conhecimento do desenvolvimento infantil e práticas parentais estão relacionadas principalmente ao nível educacional, um dos principais indicadores do status socioeconômico e têm implicações para o desenvolvimento de programas educacionais para os pais.

sentimentos dos pais entrevistados, em relação à paternidade, a satisfação com esse papel e sua auto-avaliação como bons pais, presentes e próximos de seus filhos, mas mostrando-se críticos quanto à sua participação diária. O mesmo autor ressalta que características importantes deste estudo merecem atenção: é provável que os pais indicados pela escola fossem, de antemão, envolvidos e preocupados com o papel de pai; e o elevado nível de escolaridade destes pais que participaram do estudo.

Assim, entendemos que (a) os papéis entre mãe e pai são intrinsecamente distintos; (b) há uma mobilização crescente na sociedade para uma ampliação do papel dos pais – e, em particular, do pai – após o nascimento; (c) alguns autores questionam o papel que se quer atribuir ao pai nesse contexto; mas (d) vários autores apresentam diversos meios pelos quais o pai influencia diretamente na formação do filho nessa fase.

O tema paternidade

Elaborar uma monografia de conclusão de curso e obter o título de bacharel possibilita-nos alcançar objetivos e atender expectativas que já almejávamos ao iniciar o curso de psicologia. O interesse em desenvolver este trabalho, veio através de uma pesquisa de iniciação científica realizada no ano de 2006, a partir da qual entramos em contato com a realidade da rede pública de saúde, vivenciada por alguns pais durante a gestação de sua companheira. A escassa literatura sobre a paternidade e suas implicações na relação pai-bebê

também serviram de motivação importante na realização deste trabalho, no qual buscamos investigar o envolvimento do pai com a gravidez e com o bebê a partir da sua participação no pré-natal e no parto.

Os papéis materno e paterno são intrinsecamente distintos, mas há uma mudança nestes devido a uma pressão crescente na sociedade e até mesmo na mentalidade masculina, onde o homem se apresenta mais participativo e envolvido em cuidados com o bebê, em tarefas que antes eram de responsabilidade exclusiva da mulher. Alguns autores questionam o papel que se quer atribuir ao pai nesse contexto, mas vários autores apresentam diversos meios pelos quais o pai influencia diretamente na formação do filho nessa fase. Devido a esses fatores é que no presente estudo buscamos, também, investigar como essas transformações estão sendo vivenciadas e percebidas pelos pais (figura masculina).

Com este trabalho procuramos identificar as percepções em relação à gravidez, pré-natal e parto a partir da percepção que o homem tem sobre o significado do seu papel no contexto da realidade contemporânea.

A partir disso buscamos constatar as características do envolvimento paterno perante o processo de gestação de seu filho; averiguar se existe envolvimento paterno durante o período gestacional de sua companheira; bem como realizar estudo que valorize a importância do par parental no período gestacional.

Este estudo caracteriza-se como prospectivo, observacional, com coleta de dados em campo. Para a análise dos resultados optamos por priorizar a dimensão quanti-qualitativa.

Os livros sobre metodologia científica se referem ao método qualitativo como aquele que fornece dados muito significativos e densos, mas, também, muito difíceis de analisar. Entretanto só se tem idéia da dimensão dessa afirmação quando se está diante de seu próprio material de pesquisa e se sabe que é preciso dar conta dele.

De acordo com Minayo (1992, p.33)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares à medida que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...] A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

São diversas as formas de se investigar um fenômeno. A falta de exploração de nosso tema na literatura, e a intenção de compreender um fenômeno complexo como o que nos propusemos investigar se constituíram nos elementos que nos levaram a optar pelo método qualitativo.

Fizeram parte deste estudo seis homens, pais – biológicos ou não, escolhidos de forma aleatória. O estudo foi desenvolvido por meio de entrevistas semi-estruturadas, compostas por 14 perguntas. Os dados foram coletados entre os meses de agosto a novembro de 2008, com pais cujo(s) filho(s) tivesse(m) a idade máxima de cinco anos de idade. Estes pais eram pessoas conhecidas pela pesquisadora ou foram selecionados por indicação de médicos em consultórios particulares.

Após o contato com os sujeitos da pesquisa, no qual foram explicados os objetivos da mesma e, obtendo-se o respectivo aceite, foi combinado o local onde se realizou a coleta dos dados. As respostas obtidas nas entrevistas foram agrupadas em categorias, segundo as semelhanças de seus conteúdos. Estas foram escritas manualmente pela pesquisadora levando em consideração a fidedignidade das respostas obtidas. No dia da entrevista, foi preenchido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguido pelo roteiro de entrevista. As regras para a categorização das respostas seguiram os seguintes critérios:

- O conjunto de categorias foi derivado de um único princípio de classificação.
- O conjunto de categorias foi exaustivo.
- As categorias foram mutuamente exclusivas.

Utilizamos a teoria psicanalítica na análise dos resultados. Como afirma Sarmiento (1999, p.75), a psicanálise busca compreender o significado simbólico da comunicação humana, através de sinais que representem, de forma indireta e figurada, uma idéia, um conflito, um desejo, etc. Continua que, a psicanálise trabalha através do intercâmbio das palavras, buscando os sentidos ocultos e também os seus sentidos mágicos. Conclui que é preciso que se reconheça, portanto, que a psicanálise segue um outro tipo de lógica de investigação científica; caminha na subjetividade e pela subjetividade, dentro de uma ordenação abstrata, coerente e essencial, alcançando seus objetivos paulatinamente.

Percepções paternas

Participaram deste estudo seis pais, cinco pais biológicos e um não-biológico. Utilizamos um roteiro de entrevista semi-estruturada, composto por 14 perguntas. Os resultados serão apresentados de forma ilustrativa.

Conforme já pontuamos em nossa justificativa, o interesse pelo tema deste trabalho de conclusão de curso surgiu a partir de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida no ano de 2006 – que nos sugeriu a necessidade de uma maior política de incentivo ao homem no acompanhamento e participação durante o pré-natal de seus filhos; o desconhecimento, por parte dos pais, de que a participação do pai durante o pré-natal pode ser significativa na vinculação deste com o bebê; bem como a existência de falha na comunicação do casal, seja este constituído formal ou informalmente. Pareceu-nos que as questões ligadas aos desejos de cada um e à empatia não são comunicadas pelos parceiros entre si.

Naquela ocasião, a presença do pai como acompanhante em uma Unidade Básica de Saúde, na cidade de Bauru, durante a realização do exame de ultrassonografia, mostrou-se escassa. Como concluiu estudo de Carvalho (2003), a participação dos pais no nascimento está atravessada por dificuldades institucionais; motivações maternas e paternas; representações sociais sobre parto e paternidade; e exclusão dos pais nos serviços de saúde reprodutiva e pediátrica. Constata ainda que a presença dos pais não é valorizada pela equipe nem como suporte à gestante nem como evento da paternidade. Seu estudo indicou a necessidade de incentivo à participação dos pais no pré-natal, parto, pós-parto e nas consultas pediátricas, a preparação das equipes para trabalho com as famílias, a ampliação da discussão social sobre paternidade e a formulação de políticas trabalhistas que garantam a presença dos pais nos serviços de saúde.

Até muito recentemente acreditava-se que a mãe era a única indispensável na educação do filho. Estudos mais atuais revelam que o pai é tão importante quanto à mãe nessa tarefa, sobretudo no primeiro ano de vida e no término da adolescência, quando o sujeito se formará adulto.

O distanciamento afetivo da figura masculina do processo de gestação reduz as possibilidades de integração e de equilíbrio emocional do casal. Esta foi uma evidência que Sarmiento (1999) encontrou em tese de doutorado, da qual fizeram parte nove casais, estudo que partiu do pressuposto que a observação da psicodinâmica da paternidade é fundamental para a compreensão mais integradora do processo afetivo dos casais durante a gestação.

Recomendando discussões e reflexões sobre as estruturas ambulatoriais e hospitalares para tornarem-se mais receptivas ao homem no atendimento da saúde reprodutiva.

Sarmiento (1999) destaca que os homens colocados em segundo plano, vivem a paternidade de forma dissociada. Há o desaparecimento da parte simbólica do desejo masculino na sua fala de amor. Afirma ainda que, ao ser reduzido ao esperma, o homem se vê distanciado da causa procriadora e cortado de suas conseqüências potenciais na filiação. Em nosso trabalho, os seis pais entrevistados responderam voltados para a atitude de participação de consultas, exames e no nascimento.

Participação no pré-natal

Através dos dados coletados a respeito da participação em consultas do pré-natal, a maioria (67%) disse ter participado, destacando o quanto consideram importante a participação do pai e o valor desse apoio para que a mulher não se sentisse sozinha. Alguns disseram não ter participado em todas as consultas de pré-natal em função do trabalho e um dos entrevistados, devido a este motivo não esteve presente em nenhuma. De acordo com Raphael-Leff (1997) algumas das assimetrias entre mãe e pai têm sido reduzidas; os pais estão tendo que se comprometer em atividades consideradas maternas para ganhar a posição paternal, anteriormente garantida a eles pelo nome. A relação homem-mulher se modifica, se humaniza e possibilita maior aproximação e empatia. Isso se faz como aponta a literatura, como resultado de pressão social. Mas sendo a sociedade composta de homens e mulheres, essa pressão poderia ser vista como a expressão de um desejo, masculino e feminino.

Para Raphael-Leff (1997) atualmente, o esperma e o óvulo são fertilizados *in vitro*, fora do corpo. Continua que o homem parece estar começando a ser mais possessivo com relação aos seus direitos parentais, destacando que mesmo os doadores de esperma têm requerido acesso às crianças que geram.

Presença paterna durante o parto

Analisando os dados sobre a participação no nascimento do filho destacamos que cinco tinham intenção de assistir ao parto. Destes, a maioria (67%) assistiu, sendo que um deles tinha intenção, mas o hospital não autorizou sua entrada. Os que pretendiam assistir tomaram esta decisão assim que souberam da gravidez, ou em algum momento durante o pré-natal. A companheira teve forte influência na decisão de três dos entrevistados. Um deles disse que o irmão o influenciou a participar desta experiência.

A partir das entrevistas, destaca-se que todas as companheiras tiveram ótimas impressões, sobre a presença e decisão de seus companheiros de presenciarem o parto. Sadock (2007, p.926) discute que as respostas do homem à gravidez ou ao parto não foram bem

estudadas, mas a tendência recente de inclusão dos pais no processo do nascimento diminui sua ansiedade e propicia uma sensação mais completa de participação. Destaca que os homens não se comportam como pais da mesma forma que as mães, e as novas mães muitas vezes precisam ser encorajadas a respeitar essas diferenças e vê-las de forma positiva. Santo (2000, p. 90) revela que o pai vem sendo excluído do processo de parto e nascimento do bebê, sendo qualquer informação sobre o que está acontecendo com a sua companheira e seu filho.

Em relação à possível pressão sofrida por parte de alguma pessoa, um disse, que apesar de já ter decidido estar presente, recebeu pressão da médica obstetra (num hospital em que se cobra pela presença do pai na sala de parto), segundo este pai, a médica chegou a dizer
desejam estarem presentes. Quanto ao posicionamento de outros membros da equipe, todos foram elogiados, sem ser destacado nada em contrário, a não ser uma enfermeira que na percepção de um pai, estava de mau humor. Todos que estiveram presentes durante o parto avaliaram a experiência de forma positiva e muito

Particularidades masculinas

Quando investigamos sobre as particularidades da vivência masculina na participação do pré-natal e no nascimento quatro deles destacaram o fato da mulher sentir a presença do bebê, bem como todas as transformações no próprio corpo. Entende-se por este fato, que a ligação e a relação da mulher com o bebê é muito mais estreita e acontece de forma distinta da do homem. Raphael-Leff (1997) fala que o homem, ao contrário da companheira que carrega uma protuberância visível, pode sentir-se como expectador, e ser deixado de lado, como muitas vezes é por amigos e profissionais da saúde. A mesma autora destaca que, pesquisas indicam que metade da população de futuros pais desenvolve algum sintoma relativo à gravidez durante o curso da gestação. Sarmiento (1999) afirma que há controvérsia na análise dos significados destes sintomas, que vai desde uma expressão da inveja masculina, ou como uma imposição da mulher para aquietar a agitação do homem no plano sexual e de habituais atividades motoras; até a percepção de seus aspectos mais positivos, relacionados com a maior participação afetiva do homem no processo procriativo.

Ainda sobre as particularidades da experiência masculina, um deles falou sobre um misto de sentimentos, uma vez que não tinha certeza sobre a paternidade (que não se confirmou em exame no pós-parto). Sadock (2007, p. 925) afirma que os futuros pais (figura masculina) também são profundamente afetados pela gravidez, a paternidade iminente demanda a síntese de questões evolutivas como identidade e papéis de gênero, separação-

individuação do próprio pai e sexualidade. Continua que, as fantasias de gravidez em homens e os desejos de dar a luz a meninos refletem a identificação inicial com suas mães, bem como o desejo de serem tão poderosos e criativos quanto a percepção que têm delas. Destaca ainda que, para alguns, engravidar uma mulher é uma prova de sua potência. Outro entrevistado disse da possibilidade do homem servir de âncora para a mulher grávida se sentir mulher e aproximar o casal, outro entrevistado falou do homem poder se informar junto à mulher a respeito de coisas importantes sobre a gravidez. Raphael-Leff (1997, p.60) a respeito de casais grávidos afirma que em qualquer caso, a consciência de quão longe o homem e sua companheira já chegaram, combinada à de quanto ainda terão que andar, podem tornar a gravidez numa jornada de auto descobrimento, acompanhada de sólida confiança e florescente iniciativa.

Sobre diferenças entre homem e mulher

A respeito das diferenças entre o homem e a mulher quanto ao significado da vivência no pré-natal e no nascimento, todos colocaram acreditar ser especialmente diferente para a mulher, um disse que o pai se coloca aos poucos e outro entrevistado falou que é cheio de expectativas para os dois, mas destacou a diferença que é para a mulher. Raphael-Leff (1997) afirma que uma expressão mais sublimada de inveja pode se manifestar como no envolvimento solícito exagerado do parceiro, controle da alimentação e funções físicas da mulher grávida e sua preparação para o parto, ou o estabelecimento de um projeto criativo simulando a gestação ou competindo com a gravidez. O autor (1997, p.62) destaca que alguns pais relegam a inteira responsabilidade pelo bebê à mulher; outros complementam a contribuição genética inicial com envolvimento emocional durante a gravidez. Afirma que dependendo da realidade psíquica e confiança no processo de desenvolvimento, o homem pode utilizar a identificação com sua mãe no princípio, não em competição com a mulher, mas para expressar aspectos criadores, empáticos de sua personalidade.

Bustamante (2005) coloca que uma limitação de muitos estudos sobre paternidade seria deixar de lado diferenças socioeconômicas, educacionais, étnicas e culturais, afirmando que o desejo de ter proximidade emocional com os filhos está presente em todas as camadas sociais. Em nossa justificativa dissemos que em trabalho anterior entramos em contato com a realidade da rede pública de saúde. Daí, a realidade vivenciada por alguns pais durante a gestação de sua companheira, e o contato com a escassa literatura sobre a paternidade e suas implicações na relação pai-bebê; também serviram de motivação importante na realização deste trabalho, no qual buscamos investigar o envolvimento do pai com a gravidez e com o bebê a partir da sua experiência no pré-natal e no parto. Neste trabalho, os entrevistados, em

sua maioria (67%) possuem renda familiar superior a dez salários mínimos. Ribas (2003), em estudo que analisou as relações entre o status socioeconômico e alguns de seus componentes sobre o conhecimento do desenvolvimento infantil e de práticas parentais verificou que, mães que têm mais conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, interagem mais positivamente com seus filhos. O estudo concluiu diferenças no conhecimento do desenvolvimento infantil e práticas parentais estão relacionadas principalmente ao nível educacional.

Assim, pudemos constatar uma mudança no papel paterno, na direção de uma maior participação do pai nos cuidados com o bebê. Verificamos, em nossas leituras que os sentimentos tanto do futuro pai, quanto da futura mãe são contraditórios durante a gestação: alegria, satisfação, orgulho, por um lado; por outro, momentos de insegurança, dúvidas, angústias com a exigência do novo papel, papel sempre novo, mesmo quando se trate de uma segunda, terceira gestação, pois há sempre a sensação: "Darei conta de mais um?" E aí em nada ajuda a um casal, em meio a estas vivências tão contraditórias, a imposição de um modelo de participação que não leve em conta a realidade social e pessoal de cada par, a história de vida de cada um.

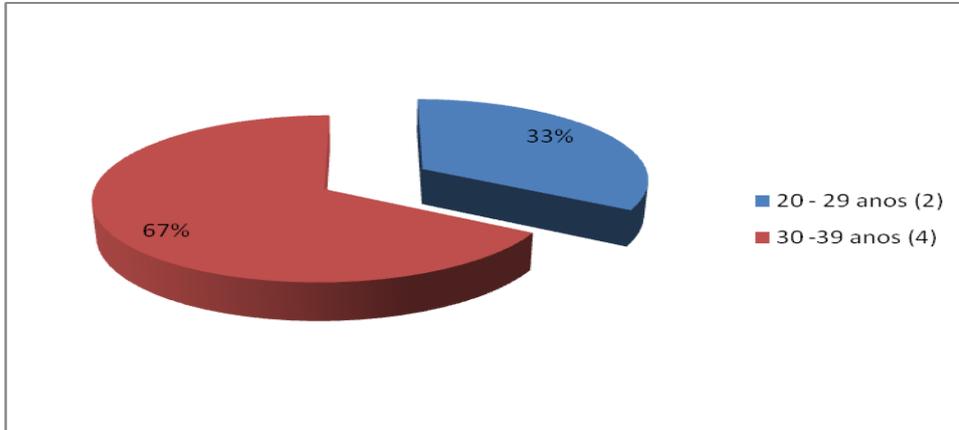
A presença de um pai afetivo e companheiro, no processo de desenvolvimento de uma criança em um adulto feliz, cooperador e criativo é muito importante. Uma participação positiva do companheiro na gravidez, parto e pós-parto favorece uma boa base para a construção de uma boa relação pai-filho. Por uma participação positiva, podemos entender aquela que seja satisfatória tanto para a mulher, quanto para o homem, pois é preciso que ambos estejam bem, que a relação do casal seja boa, para que a criança seja recebida em um clima favorável.

Levar o casal a contatar com seus medos e ansiedades, partilhá-los e na medida do possível, sem imposições ou violências, superá-los. Assim, se o companheiro irá ou não às consultas pré-natais, participará ou não de um grupo de preparação para parto, estará ou não presente ao parto são decisões a serem tomadas pelo casal, levando em conta as possibilidades concretas (o chefe libera para sair no horário das consultas? a maternidade permite a presença do pai?) e as possibilidades subjetivas de ambos (a mulher deseja a presença do companheiro? o homem deseja estar presente?).

Evidentemente que do ponto de vista social devemos lutar para que a todos os homens sejam assegurados direitos de participação maiores que os atuais: uma licença paternidade significativa, e não os atuais cinco dias, licença para acompanhar a mulher ao pré-natal, presença no pré-parto e sala de parto, em todas as maternidades, públicas e privadas. Com os direitos assegurados, caberá a cada casal construir seu próprio modelo de participação.

Resultados

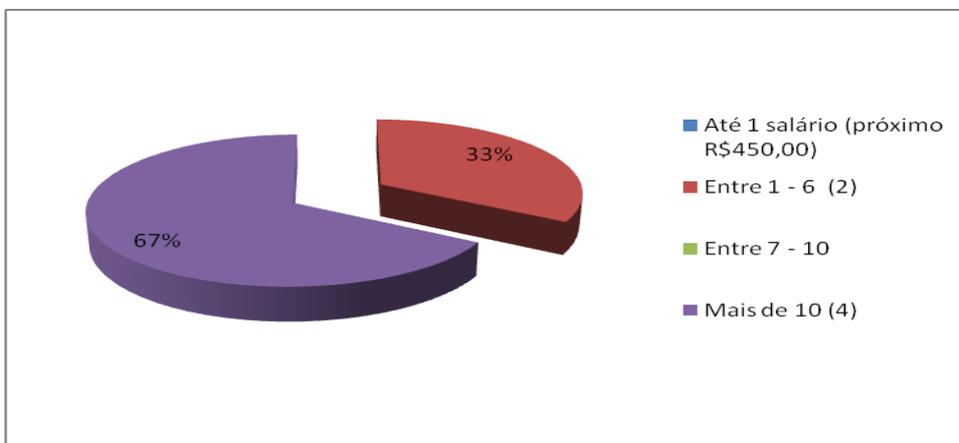
Figura 1: Número e frequência for faixa etária dos entrevistados da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos observar no gráfico acima que a maioria dos entrevistados (67%), tem idade acima de 30 anos.

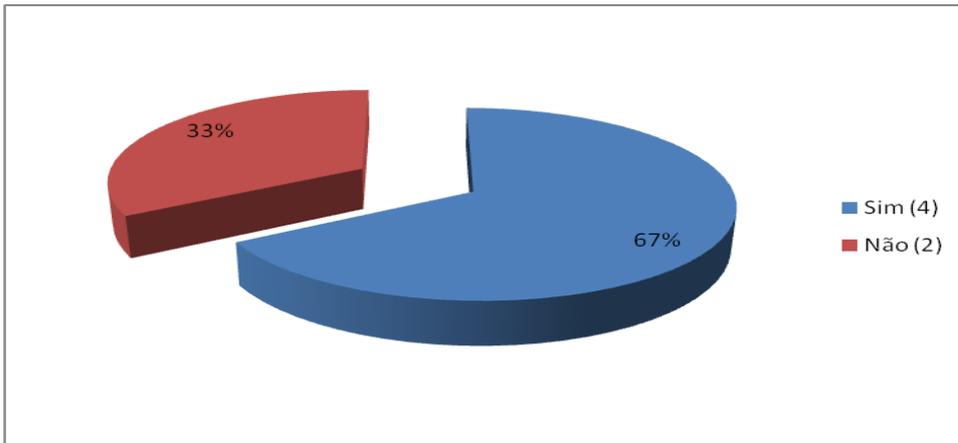
Figura 2: Renda familiar



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico acima possibilita-nos afirmar que a maior parte dos entrevistados (67%) tem renda familiar acima de dez salários mínimos.

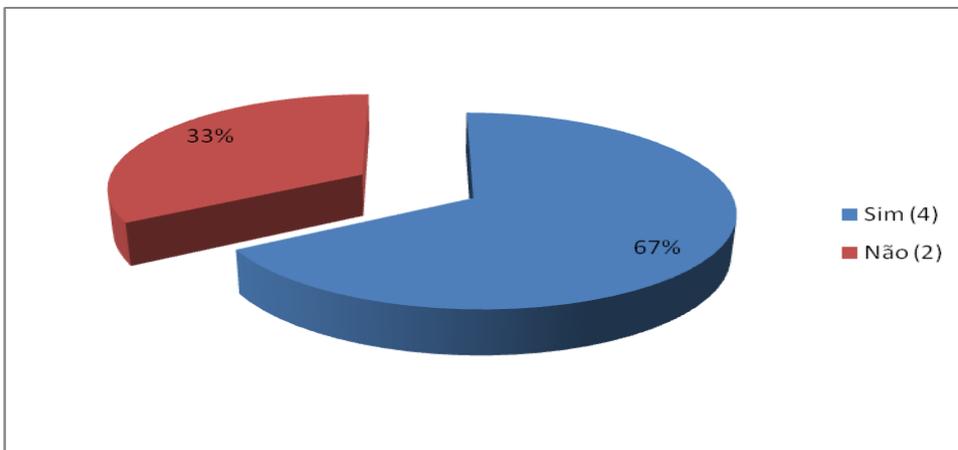
Figura 3: Participou das consultas do pré-natal.



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico acima podemos notar que quanto ao comparecimento nas consultas do pré-natal, dois afirmaram que não compareceram, enquanto que quatro afirmaram que compareceram. É importante observar que aqueles que responderam não comparecer, afirmaram que por motivos de trabalho que sua presença foi dificultada.

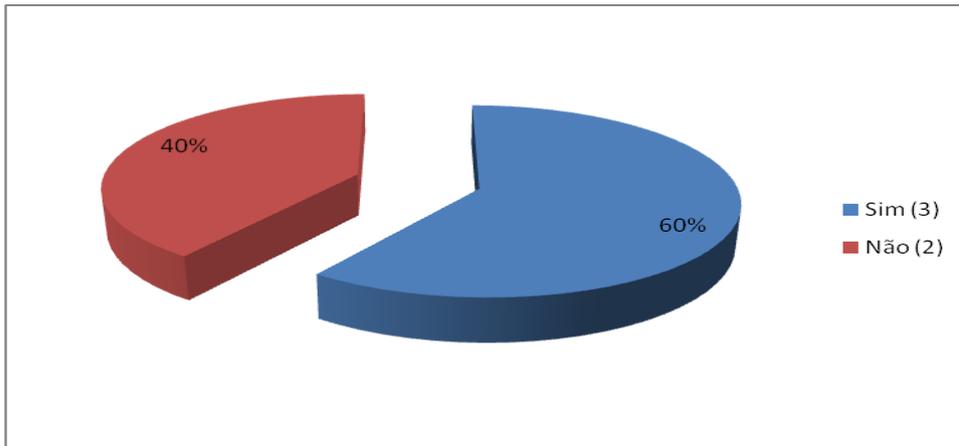
Figura 4: Assistiu ao parto do seu filho.



Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos no gráfico acima que quatro (67%) dos entrevistados responderam que estavam presentes durante o parto do filho, enquanto que dois (33%) não.

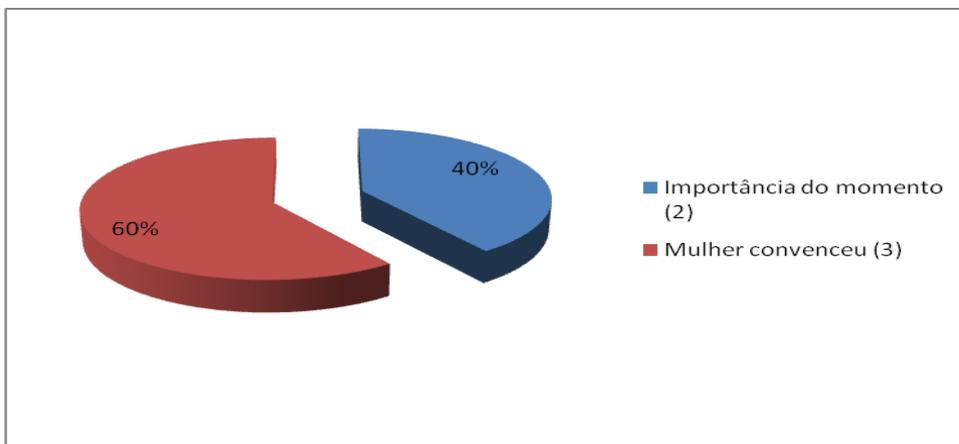
Figura 5: Preparou-se para assistir ao parto.



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do gráfico acima, observamos que três (60%) dos entrevistados disseram ter se preparado para isso, outros dois (40%) não. Coloca-se que um dos entrevistados que respondeu se preparar para assistir ao parto, porém, isto não pôde se concretizar. Por este motivo, não respondeu às perguntas referentes à participação durante o parto.

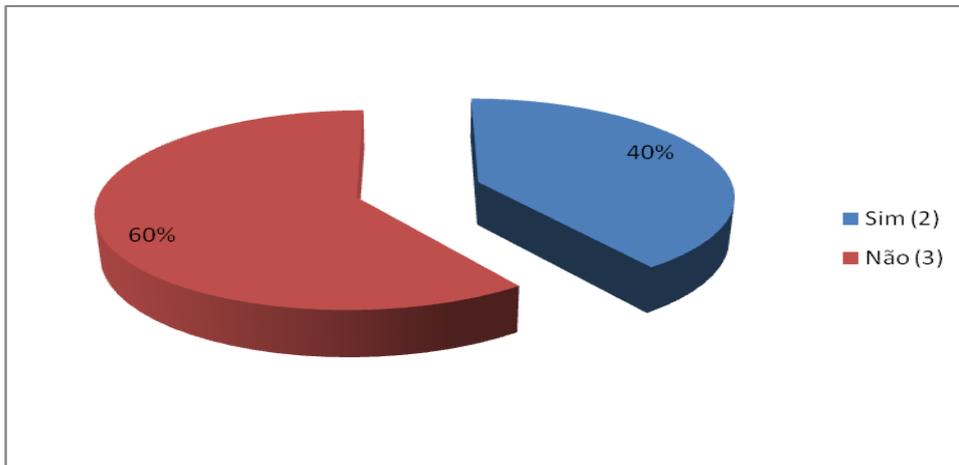
Figura 6: O que o levou a assistir.



Fonte: Elaborado pela autora.

Observando o gráfico acima, podemos constatar que, três (60%) dos participantes disseram que a mulher o convenceu, enquanto que dois (40%) colocaram sobre a importância do momento.

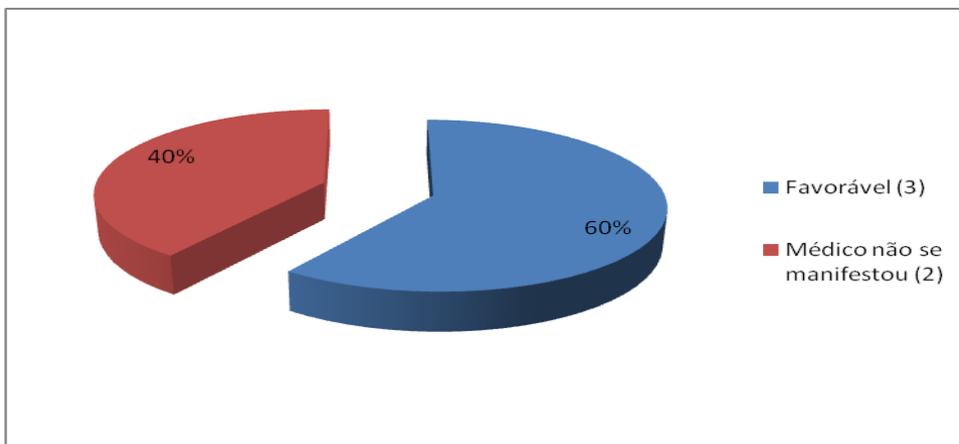
Figura 7: Recebeu algum tipo de pressão.



Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos observar no gráfico acima, que dois (40%) dos entrevistados responderam que receberam algum tipo de pressão, favorável ou desfavorável, para assistir ao parto. Três (60%) disseram não ter passado por nenhuma pressão.

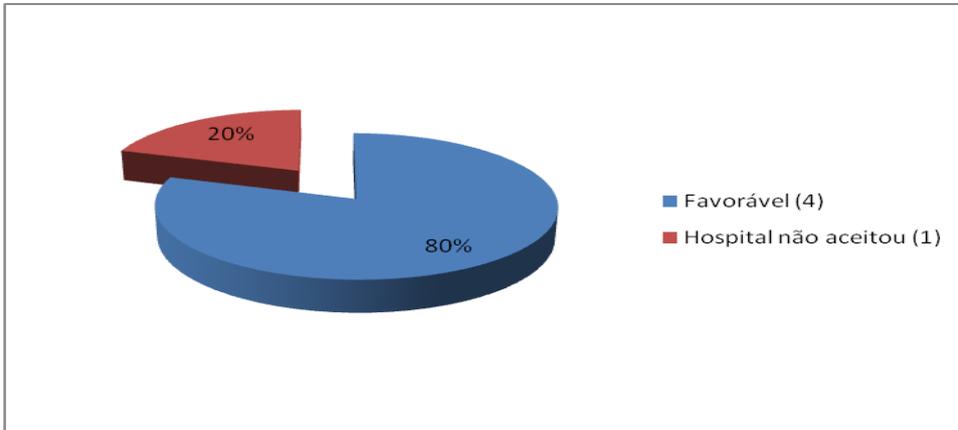
Figura 8: Referente ao posicionamento do obstetra



Fonte: Elaborado pela autora.

Notamos que três (60%) entrevistados responderam que o obstetra se mostrou favorável a sua presença durante o parto. Dois (40%) disseram que ele não se manifestou.

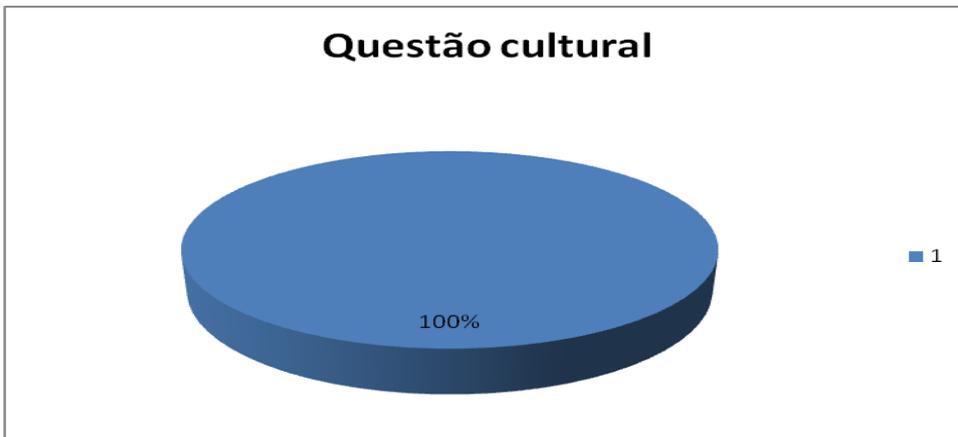
Figura 9: Referente ao posicionamento de outros membros da equipe



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da observação do gráfico, percebemos que quatro (80%) afirmaram que a equipe mostrou-se favorável à participação do pai durante o parto. Enquanto que um (20%) disse que o hospital foi contra.

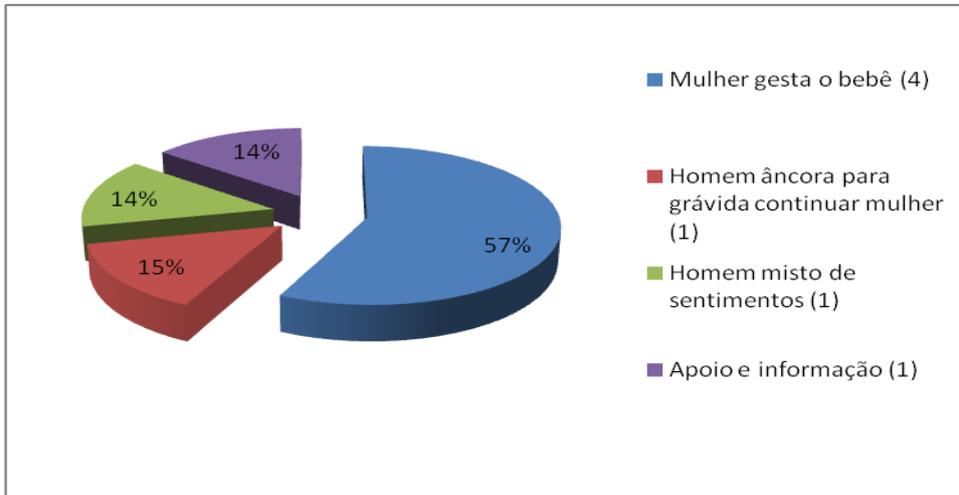
Figura 10: Resposta apresentadas pelos entrevistados a respeito do que se deve a pouca participação do homem no nascimento do filho.



Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos que todos os entrevistados colocaram a questão cultural como sendo forte influência para a pouca participação do pai no processo de gestação e parto.

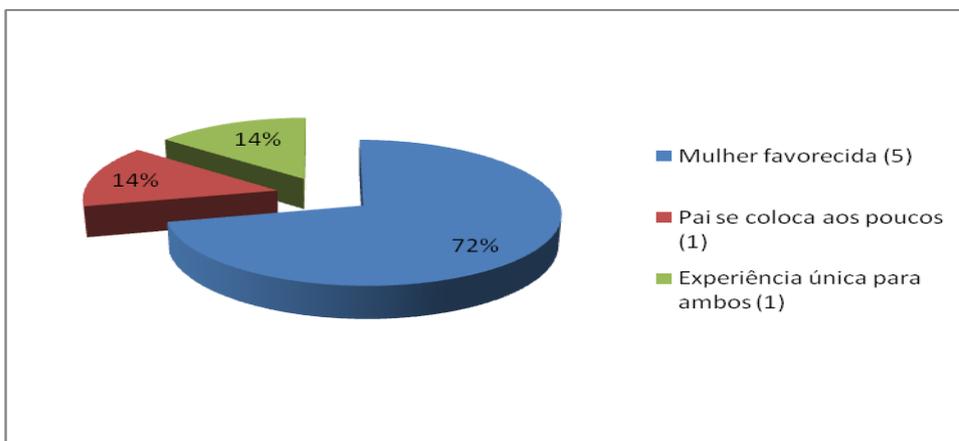
Figura 11: Referente às particularidades da vivência masculina na participação do pré-natal e nascimento.



Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos observar pelo gráfico que quatro (57%) dos entrevistados disseram que a mulher é que gesta o bebê. Um (14%) disse que o homem funciona como âncora para a mulher grávida continuar se sentindo mulher. Um (14%) se referiu ao misto de sentimentos que o homem também tem. Um (14%) colocou estas participações como forma de apoio à mulher e informação, além de destacar a particularidade feminina de gestar.

Figura 12: Percepção das diferenças entre homem e mulher quanto ao significado da vivência do pré-natal e nascimento.



Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos observar pelo gráfico que cinco (72%) dos entrevistados disseram que a mulher é favorecida. Um (14%) destacou que o pai se coloca aos poucos, e um (14%) que ambos passam por uma experiência única.

Conclusões

As entrevistas realizadas nos permitem a verificação de que:

1. A maioria dos pais busca uma maior participação nos períodos de pré-parto e parto por acreditarem que isso se torna benéfico na sua relação tanto com o bebê, como com a companheira.
2. As mulheres têm um papel fundamental no incentivo ao homem para participarem do processo de gestação e do parto, mas a concretização deste ato depende muito das políticas dos hospitais e maternidades.
3. Embora existam algumas leis, ainda falta muita legislação que regulamente e favoreça a presença dos pais durante o pré-natal, garantindo a presença nas consultas de pré-natal e no parto.

Referências

ABREU, A. S. G. T.; SOUZA, I. E. O. **O pai a espera do parto: uma visão compreensiva do fenômeno**, Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1999.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1989.

BRAZELTON, T. B. **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CARVALHO, M. L. M., Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.19, supl. 2, 2003.

COSTA, R. G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Estudos Feministas**. Ano 10, p.339-355, fev. 2002.

Da Redação. Governo de SP sanciona licença ampliada; servidor que adota também tem direito. **UOL Empregos**. São Paulo. 08 jul. de 2008. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/empregos/ultnot/2008/07/08/ult880u7065.jhtm>, acesso em 28/10/2008.

DAVIS, M., WALLBRIDGE, D. **Limite e Espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

Do Agora. Senado aprova licença-paternidade maior. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 07 ago. de 2008. São Paulo. 07 ago. de 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u430666.shtml>, acesso em 28/10/2008.

NUNES, F. F. Futuro pai: veja quais os direitos trabalhistas com a chegada de um bebê. **Info Money**. São Paulo. 08 ago. de 2008. Disponível em: <http://web.infomoney.com.br/templates/news/view.asp?codigo=1251490&path=/suasfinancas/carreiras/direitos>, acesso em 28/10/2008.

MALDONADO, M. T. **Nós estamos grávidos**. São Paulo: Saraiva, 1996.

MINAYO, M. C. S. et. al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PICCININI, C. A. O envolvimento paterno durante a gestação. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v.17, n.3, p.303-314, 2004

- RAFHAEL-LEFF, J. **Gravidez: a história interior**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- RIBAS, R. C. J., Socioeconomic status in Brazilian psychological research: II socioeconomic status and parenting knowledge. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.8, n.3, 385-392, 2003.
- SADOCK, B. J. **Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SANTO, L. C. E. Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o parto e o nascimento de seu filho. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre. v. 21, n. 2, p. 87-109, jul. 2000.
- SARMENTO, R. C. **Casais grávidos e os novos sentidos da paternidade: um estudo qualitativo com referencial psicanalítico**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.
- SILVA, M. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.24, n.4, p.561-573, out-dez 2007.
- THIS, B. **O pai: Ato de nascimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- WESTIN, R. Kassab veta licença-maternidade de seis meses. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 24 fev. de 2008. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u375427.shtm>, acesso em 28/10.2008.
- WILHEIM, J. **O que é psicologia pré-natal?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- YEUNG, W. J, et al. Chi **Journal of marriage and family**. Michigan, v. 63, p.136-154, February, 2001.